



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ROGÉRIO DA CUNHA VOSER

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-146

Entrevistado: Rogério da Cunha Voser

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Nícolas Janovik e Vívian Escosteguy

Data da entrevista: 26/10/2009

Transcrição: Natália Nunes

Conferência Fidelidade: Natália Nunes / Grasiela Alves de Castro

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Natália Nunes

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 23 minutos e 16 segundos

Páginas Digitadas: 10

Catalogação: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02146/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

VOSER, Rogério da Cunha. *Rogério Voser (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Envolvimento com o futsal, com o futebol; clubes de futsal; competições nacionais e internacionais; evolução do futsal feminino; esporte olímpico; remuneração dos atletas de futsal; futsal internacional; futsal e futebol na escola.

Porto alegre, 26 de outubro de 2009. Entrevista com Rogério Voser a cargo dos entrevistadores Nícolas Janovik e Vívian Escosteguy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

R.V. - Meu nome é Rogério Voser, atualmente sou professor aqui na ESEF¹ na disciplina de Futsal e tive uma história anterior como atleta, como treinador tanto no Brasil como também no exterior e os meninos me convocaram para fazer a entrevista.²

N.J. - Com que idade começou a jogar futsal?

R.V. – Iniciei, mais ou menos, com onze ou doze anos a jogar futsal. Comecei no ambiente escolar, depois fui para o clube, e me tornei profissional. Iniciei cedo, com onze ou doze anos. Jogava na rua, no campo, na praça, mas, no futsal competitivo mesmo, comecei com onze, doze anos de idade. Antes do futsal competitivo, geralmente nós temos experiência na escola, em torneios de escola. Mas, futsal competitivo, foi por volta de onze, doze anos.

N.J. - Quais foram suas principais influências para o ingresso no futsal?

R.V. - Foi pelas oportunidades que temos. Eu tinha a possibilidade de jogar futebol de campo e jogar futsal e, quando a gente é mais garoto, experiênciamos as duas. Então, eu jogava futsal no colégio e no clube, e também futebol. Joguei no Pelotas, no Brasil³. Tu vai levando as duas, porque as oportunidades vão aparecendo, vão te convidando. Como tu joga bem salão, tu acaba tendo oportunidade no futebol de campo. Fazia as duas, jogava nos dois.

N.J. - Alguma influência de jogador?

R.V. - Não, até porque na época não tinha isso, era mais... Tu conhecia as equipes mais

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² No início da entrevista o entrevistado pegou a folha que estavam as perguntas e foi respondendo a medida que lia as questões. Para não ficar um texto corrido fiz a opção de transcrever as perguntas como se tivessem sido feitas pelo entrevistador.

³ Brasil de Pelotas, time de futebol da cidade de Pelotas/RS.

Tradicionais, como Inter⁴, Grêmio⁵, Cittadinos⁶, e não tinha a repercussão nacional em mídia, não tinha nem transmissão de futsal na TV.

N.J. - Como é a experiência como treinador?

R.V. - Eu fui treinador, a primeira vez, em 1991, na equipe infanto-juvenil, em Marau, na Perdigão⁷. Depois tive duas experiências como treinador da equipe juvenil da Ulbra⁸, e como treinador universitário de várias equipes, de várias faculdades que eu trabalhei. Foram boas as experiências. A primeira foi em 1995 no Inter-Ulbra. Foi um pouco mais difícil, porque eu recém tinha acabado de jogar. Fui preparador físico. No outro ano me tornei treinador da equipe juvenil da Ulbra, que era Inter-Ulbra, na época. Então, é difícil tu encerrar a carreira de atleta e ter a postura até. Estar no banco, ter a paciência, ter um pouco mais de calma, porque nós levamos muito aquilo do atleta, de estar no banco, e parece que tu queres jogar, quer entrar e fazer o que o jogador não está fazendo. Então, tu aprendes com o tempo. Acho que essa é a maior dificuldade da transição de parar de jogar e se tornar treinador. Treinador e professor, porque tem que ter postura. Então, quando tu estás na quadra, às vezes, pela parte emocional, tu se esqueces que também está ali tendo que controlar todo o pessoal que está no banco e servir de exemplo.

N.J. - Quais equipes tu já treinou?

R.V. - Perdigão de Marau, equipe infanto-juvenil, dois anos a equipe juvenil do Inter-Ulbra e as faculdades que eu trabalhei, na PUC⁹, na Ulbra e agora na UFRGS¹⁰ como treinador de equipes universitárias.

N.J. - Além de jogador, professor e treinador, você desempenhou algum outro cargo relacionado ao futsal?

⁴ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

⁵ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

⁶ Nome sujeito à confirmação

⁷ Time da cidade de Marau/RS

⁸ Universidade Luterana do Brasil

⁹ Pontifícia Universidade Católica

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

R.V. - Fui preparador físico do Inter-Ulbra. Foi uma experiência bem rica. Foi bem no momento da minha transição. Havia parado de jogar no Carlos Barbosa¹¹ em 1994 e, em 1995, me tornei preparador físico do Inter-Ulbra. Eu corria junto, eu tinha, às vezes, até mais preparo que os próprios atletas. O treinador no meio do campeonato quis e tentou até que eu voltasse a jogar para servir de exemplo, pois eu tinha uma boa liderança, e faltava uma liderança no grupo. Ele queria que eu voltasse a jogar e que eu não fosse mais preparador, mas eu já havia definido que queria dar aula em faculdade, não queria mais estar na função de jogador. Eu queria trabalhar como preparador físico e como treinador.

N.J. - Em quais times e cidades atuou?

R.V. - Eu comecei nas categorias de base do Clube Brilhante¹², joguei até a categoria juvenil. Depois joguei no Paulista de Pelotas também, no juvenil. Em 1992, eu fui campeão estadual infanto-juvenil pelo Brilhante e fui o melhor juvenil do estado no Paulista. Aí já fui para as categorias adultas. Joguei dois anos no Ipiranga de Rio Grande, um ano no Cepel de Pelotas, um ano no Trilhotero de Pelotas, dois anos na Portuária de Rio Grande. Depois fui pra Espanha. Joguei na Espanha, um ano no Jerez de La Fronteira, de 1991 para 1992. Retornei, joguei dois anos na Perdigão de Marau onde fui vicecampeão em 1991 e campeão estadual em 1992. Em 1993, joguei no Galera de Nova Prata e, em 1994, encerrei a carreira no Carlos Barbosa. Em 1995, fui preparador físico do Inter-Ulbra. Em 1996 e 1997, fui técnico da equipe juvenil do Inter-Ulbra. Já estava, desde 1993, dando aula em faculdade. Foi difícil estar nos dois ambientes, dando aula e ainda estar treinando.

N.J. - Qual foi o melhor momento da tua carreira e por quê?

R.V. - Foi essa experiência de ter sido campeão estadual infanto-juvenil e adulto, mas acho que o melhor momento da carreira foi ter experienciado outro país, outra realidade, outra cultura que o esporte me proporcionou, de estar em outro país jogando, tendo bom reconhecimento e conhecendo a cultura. Foi um momento ímpar na minha carreira.

N.J. Quanto tempo tu ficou lá?

¹¹ Provavelmente referindo-se à Associação Carlos Barbosa de Futsal (ACBF)

¹² Fundado em 12 de março de 1911 na cidade de Pelotas/RS

R.V. - Fiquei quase um ano na Espanha, uma temporada jogando lá. Fui campeão da Primeira Nacional. Lá tem uma divisão de Honra, que eram 24 clubes e a Primeira Nacional que é por regiões. O primeiro de cada região vai pra divisão de Honra. Então, o meu time foi campeão da Primeira Nacional, que pegou toda a região Sul da Espanha e, outro ano, foi para divisão de Honra. Só que, como eu já vim para o Brasil contratado, acabei não retornando mais. Fiquei pelo Brasil porque comecei a dar aula em faculdade. Então, acho que esse momento foi único: ter jogado no exterior. E todas as amizades que nós construímos. Nem sempre o momento mais especial é nos títulos. Tem momento que te marca: uma viagem, um momento especial de grupo, de união, de coisas que vão acontecendo no meio competitivo e nem sempre é a vitória que te recorda mais.

N.J. - Como é ser jogador de futsal em um país que tem como esporte e paixão nacional o futebol?

R.V. - Se o jogador pudesse optar na iniciação: “Tu prefere ser um jogador conhecido de futsal ou futebol?”. Acho que todo menino tem o sonho de ser jogador de futebol de campo. Talvez como o vôlei profissional de quadra e o vôlei de praia. Acho que o sonho do todos é ser reconhecido e talvez o futebol seja a primeira escolha de todo o menino. Mas, como hoje em dia, nós sabemos da dificuldade de espaço, não tem campos de várzea, as escolas não têm campo, as escolas têm quadra de futsal, então, o menino acaba tendo oportunidade de jogar mais o futsal do que o próprio futebol. Não tem clube, não tem muito investimento também. Aqui no Rio Grande do Sul tem o Inter, o Grêmio, o Juventude¹³ e o Caxias¹⁴ que talvez tenha uma base boa, onde tem uma estrutura para esses meninos do interior ir morar lá. Então, o futsal por não ser tão profissional, por ser mais amador, o menino acaba se envolvendo mais no futsal, porque tem como estudar. Para jogador de futebol de campo... Tu vê o Alexandre Pato e esse jogador do Santos¹⁵. Com dezesseis, dezessete anos, eles já estão jogando no profissional. Muito cedo. Porque o mercado hoje exige. É difícil para os meninos iniciarem no futebol de campo e serem bem sucedidos e o futsal acaba sendo uma segunda possibilidade de poder participar. O futsal, muitas vezes, é no clube esportivo, o menino já está no clube social, tem outras oportunidades, às vezes, não se adapta bem a cultura do futebol, que é uma cultura mais da

¹³ Esporte Clube Juventude

¹⁴ Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul

população menos favorecida que vai ali para poder conseguir talvez o "ganha pão" da sua família. Então, o menino acaba se desmotivando, porque o futebol de campo é muito mais competitivo, tem uma cultura diferente. É difícil convencer um menino que tem uma classe social média, um pouco melhor. É difícil adaptar no meio competitivo que é o futebol de campo.

N.J. - O que fez você escolher o futsal e não o futebol?

R.V. - Foi justamente isso. Eu estava jogando tanto no futebol de campo como no salão. O campo não me dava oportunidade para treinar, porque, às vezes, quando o campo estava encharcado e molhado, não treinávamos coletivo. Quando havia vaga para treinar no profissional, eles nos chamavam e o profissional também não deixava tu treinar. Te batiam, te xingavam porque tinham medo que tu assumisses o lugar dele. Aquela cultura antiga ainda: "Vamos intimidar o garoto para ele não poder ter muita condição". Então, tudo era para não conseguir. Não tinha campo para treinar. As oportunidades eram pequenas para jogar no profissional. Não era como hoje, o investimento que tem na base para ti vender o atleta. Antigamente era mais difícil. E também toda a cultura. Tu sentias, tu vias o menino pobre morando em uma concentração, treinando todo dia, e tu tinhas outras condições. Não te senti nem na condição de disputar um espaço com ele, porque ele estava todo dia no clube. Se sobrava uma vaga para o profissional, para o treino, ele estava disponível. Então, acabavam chamando aquele menino que estava todo dia no clube e não me chamavam que estava fazendo faculdade, fazendo outras coisas. Então, acabei indo para o futsal até por isso. No futsal eu tinha o meu tênis, tinha o material limpinho. No campo vinha a tia do campo, ela lavava as meias que parecia de quartel, toda com sabão duro, de qualquer jeito. Tu ias fazer uma viagem para jogar e não tinha alimentação. Era a rapadurinha que o massagista fazia. Então, era tudo difícil. No salão e no clube, era outra condição, era muito melhor. Tu acabavas, até pela tua condição social de estar em um clube, indo para o salão e não mais pro campo.

N.J. - Como as mudanças nas regras do futsal, ao longo dos anos, foram vista pelos jogadores e técnicos?

¹⁵ Referindo-se ao jogador Neymar

R.V. - No início teve um pouco de resistência. Até porque o futebol de campo, que é parecido com o futsal, é muito resistente. Ele não muda as regras. Então, comparando com o futebol, foi estranha essa mudança radical do futsal. A cada semestre muda as regras, principalmente a última, que o goleiro pode jogar fora da área com os pés. Então, antigamente se achava um absurdo, até porque nós jogávamos futsal na quadra de basquete, que eram quadras pequenas. Tu imaginas um jogador ainda sai da área e a área antigamente era de 4 metros. Hoje a área é de 6 metros e se joga em quadras de handebol. Então, há a possibilidade do goleiro jogar fora da área, mas, antigamente, era quase impossível. Então, houve resistência no início, mas depois se compreendeu que seria importante essa evolução do futsal, até para tornar o esporte mais dinâmico, para acontecer mais gols, para poder ter transmissão ao vivo na TV, porque ninguém vai transmitir um jogo de futsal que não tivesse gols, zero a zero ou um a zero. Essa regra tornaria o jogo um pouco mais parado. Então, o futsal cresceu, beneficiando sempre o atacante para ter bastantes gols. Acho que mesmo aquela resistência inicial já foi superada. Todos os técnicos e jogadores compreendem que houve mudanças e as mudanças tem que ser respeitadas.

N.J. - Como é a questão do patrocínio para as equipes de menor expressão?

R.V. - As cidades do interior que têm time vivem praticamente de rifa, de sorteios de carro, da comunidade, até porque não tem tanta forma de lazer. Então, a cidade vive toda em cima do esporte. A prefeitura tem que emprestar um ônibus para fazer viagem. Tem que ter sorteios, tentar vários patrocínios, colocar faixa na quadra para ter um patrocínio pequeno de cada empresa que é pequena também. Então, hoje tem umas cidades, tipo a Tramontina que o dono é um apaixonado pelo futsal, que patrocina. Até já diminuiu um pouco o investimento, porque não está dando tanto retorno quanto esperavam. Muitas empresas patrocinam um ano e no outro ano já não querem mais. Só patrocinam para aparecer no mercado e não tem um envolvimento, inclusive, com a cidade. Então, é difícil um time de menor expressão conseguir um patrocínio. Por isso que, cada vez mais, o esporte perde força. Não tendo patrocínio, tu não consegues competir com as grandes equipes, fica desleal. Tu pegas uma Carlos Barbosa que tem jogador de todo o estado, tem toda uma estrutura. Aí pega um time do interior com jogadores da cidade para competir que, às vezes, não tem nem alimentação, não tem um ônibus legal para deslocar, um hotel para

dormir. Como que tu vais investir em algo que tu vais perder? Então, tu acabas também perdendo força. Os times do interior... Em função que tu sempre sabe quais os times que vão chegar à final. Então, não tem muito sentido tu investir em algo que tu sabes que não vai... Acaba desmotivando todo mundo. Desmotiva a comunidade. Sabe que tu vais investir e não vai conseguir chegar e disputar um título.

N.J. - Na época em que tu jogaste, era possível viver financeiramente do futsal?

R.V. - Era um bico, até podia... Quem sonha pequeno até vive. Tu moras na casa do atleta, tu tinhas comida, ganhava um dinheiro razoável, mas não para viver bem, viver com objetivos futuros. Até hoje, só os grandes jogadores em nível de seleção ganham um salário razoável, o resto é um salário que dá para viver razoavelmente bem. Mas a vida do atleta é até trinta e quatro anos, trinta e cinco. Então, não tem nem como juntar dinheiro. Hoje no futebol de campo o Mário Sérgio¹⁶ vem para ganhar R\$150 mil por mês. Três ou quatro meses equivale a dez anos de trabalho de uma pessoal normal. Aí tudo bem. Mas o futsal não te dá essa condição e, antigamente, era um salário razoável. No meu caso, eu dava aula em colégio e jogava. Então, não vivia só disso e sempre projetando uma vida porque eu sabia que aquilo ia terminar e eu tinha também que criar outras possibilidades. Logicamente, teve colegas meus que ainda hoje estão jogando na segunda divisão, que estão trabalhando em posto de gasolina, porque achavam que aquilo era a vida deles. Então, eles viviam na casa do atleta, gastavam todo dinheiro, compravam carro, não investiam na educação, e hoje estão perdidos, talvez trabalhando no emprego que não seria o mais ideal para eles.

V.E. - O que é a casa do atleta?

R.V. - Eles te contratam para jogar no interior e tem uma casa que moram sete ou oito jogadores. Tem uma senhora chamada “tia” que é a cozinheira e que limpa a casa. Tudo para baixar o custo. Eles não vão dar uma casa para cada um, a não ser para os casados que tem direito a casa. Eu morei na casa do atleta, jogando na Perdigão. Depois eu casei e eles me pagavam apartamento. Eu tinha o apartamento, tinha alimentação. Então, tu tens que trabalhar. A minha esposa trabalhava, eu trabalhava no colégio, juntava mais esse dinheiro

e ia bem. Mas aquele menino que tinha vinte e dois, vinte e três anos, vinte e quatro, morava na casa do atleta. Ele tinha dinheiro e não gastava com mais nada, só gastava para sair de noite, para comprar roupa. Não tinha nenhum objetivo de juntar dinheiro, porque também nem dava para juntar dinheiro. Então, a casa do atleta te dava toda condição e alimentação para tu poder juntar esse dinheiro, mas é muito pouco. Hoje não mudou muito também. Se a pessoa não tem a cabeça no lugar... Até no futebol de campo profissional, vemos atletas... Hoje o Roger¹⁷ está fazendo faculdade de Educação Física na Sogipa¹⁸. Se eles quiserem seguir trabalhando no esporte, têm que ter uma boa formação. Não adianta só ser jogador e não ter formação. Tem uns que têm dinheiro, talvez não precisassem, mas eles têm o conhecimento de que tem que investir na carreira deles.

N.J. - Você jogou fora do país. Quais são as diferenças que você encontrou?

R.V. - Na época eles treinavam um pouco menos que o brasileiro e mais à noite. Eles são mais profissionais, mais dedicados, fazem exatamente o que o treinador pede. Um pouco diferente daqui. Aqui todo mundo acha que sabe, todo mundo é um pouquinho treinador, até o jogador, e lá eles são bem... Treinam com respeito ao treinador, à didática do treinador. A cultura de um modo geral, que já sabemos por si só, não só no esporte. Com relação ao “fair play”, também foi uma coisa que eu aprendi lá. Quando o adversário se machuca, tens que parar a bola, respeitar, colocar a bola para fora. Coisas que tu vai aprendendo. A cultura extravasa, a cultura vai para além do cotidiano, vai para o esporte e o esporte reflete o que é a cultura deles com relação às coisas, o treinamento, a dedicação.

V.E. - Quantos anos tu tinha quando jogou lá?

R.V. – Em 1991, eu tinha uns vinte e sete anos de idade.

V.E. - Foi sozinho?

¹⁶ Técnico de futebol que veio para o Internacional

¹⁷ Ex-jogador de futebol que passou pelo Grêmio

¹⁸ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

R.V. - Fui sozinho. Tinha outros colegas meus que já estavam lá. Foi experiencial também. Queria conhecer outra cultura. Então, fui unir o útil ao agradável. Cheguei lá e fiquei um tempo em Madrid¹⁹, joguei em um combinado brasileiro lá, me destaquei e me contrataram no mesmo dia para eu ir para Jerez de La Fronteira. Fiz uma viagem de trem de cinco, seis horas para Jerez, que fica bem no sul da Espanha e já comecei a jogar. Já tinham outros clubes me procurando e foi uma experiência única. Cada viagem para jogar era uma excursão, era um turismo. Joguei nas Ilhas Canárias, joguei em Celta do lado de Marrocos que faz parte da África. Então, foi uma experiência cultural única de aprendizado, de ver como eles compreendem o mundo, como eles lidam com as coisas. Então, são experiências que trazemos para o nosso cotidiano, para nossa vida.

N.J. - Na tua opinião, o que falta para o futsal se tornar esporte olímpico?

R.V. - Acho que faltam várias coisas. Para o esporte ser olímpico tem que ter o feminino bem, porque o crescimento do futsal feminino é muito lento. Então, no Brasil é difícil ter investimento no futsal. Se no futebol já é, imagina no futsal feminino. O futebol foi campeão e não teve investimento. O futsal ainda tem poucas equipes. Aqui na Federação tem quatro, cinco equipes jogando o campeonato estadual. É muito pouco. No mundo é muito baixo o número de equipes. Pode ter a seleção, mas não tem o envolvimento grande ainda das federações com o futsal feminino. Falta um pouco de interesse da FIFA²⁰ para o futsal se tornar olímpico, até porque vai competir fortemente com o futebol de campo. Tem questões políticas no meio. O Brasil tem que puxar. Vai ter a olimpíada aqui e não vai ter o futsal. Não vi comentário nenhum. Vai ter a próxima olimpíada no Brasil, vão ter outras modalidades, e não vai ter o futsal olímpico. Então, depende muito do Brasil ter interesse, as pessoas que organizarem as olimpíadas. Tem que ter também o crescimento do futsal feminino e a própria FIFA interferir politicamente, que tem essa possibilidade para o futsal e não sei nem se é interesse deles que o futsal se torne olímpico porque vai competir com o futebol de campo. Mas sabemos que o futsal é uma das modalidades mais praticadas na escola, no ambiente escolar. São inúmeras as escolinhas. Então, não podemos ver o futsal e o futebol só como algo que possa formar atletas e algo para empresários ganhar dinheiro. Tem que ver o esporte de maneira mais ampla, o esporte como algo que estimula a

¹⁹ Capital da Espanha

²⁰ Federação Internacional das Associações de Futebol

socialização, a disciplina das crianças, ocupe o tempo livre delas. Além de formar atletas que forme cidadãos. Nós sabemos o quanto é importante. Devemos usar o futsal e o futebol, por ser uma das modalidades que as crianças mais gostam de fazer, como algo que atraia elas para o esporte e que tu consigas trabalhar valores, trabalhar outras coisas. Isso é importante. Então, a bola de futsal, a bola de futebol é um meio, e não um fim. Muitas vezes, os professores, na angústia de querer progredir, de se tornar treinadores famosos, e os pais de se realizarem em cima dos filhos, acabam vendo o esporte, o futsal e o futebol, como simples ferramenta do filho conseguir ser bem sucedido no esporte, de ser famoso, de ganhar dinheiro. Então, temos que tirar, principalmente dentro da faculdade, esse olhar só para competição, e ver que o esporte é extremamente saudável para qualidade de vida, para a saúde dessas crianças, também da questão social, de ocupar o tempo livre, da disciplina. Então, o esporte trabalha em todos os âmbitos: na saúde, na questão social, na questão psicológica, para diminuir a ansiedade, canalizar emoções, para colocar para fora muitas coisas que, às vezes, estamos passando no nosso dia a dia. Hoje, vemos como as crianças não têm limites. Então, se pode trabalhar essa questão do limite. Muitas vezes, os pais estão em processo de separação e os filhos ficam extremamente ansiosos, e o professor se torna uma válvula de escape para atenção, para o carinho. Os colegas também vão compartilhar com ele muitas coisas. Então, o esporte em geral, vai poder contribuir para formação desse menino.

[FINAL DO DEPOIMENTO]